**Vilfredo**

LENDA DO RENO, GRANDMOUGIN

I

*O castelo.*

Sobre os rochedos, longe, o castelo aparece,  
Dominando a extensão das florestas sombrias.  
A tarde cai. O vento abranda. O ar escurece.  
E Vilfredo caminha entre as neblinas frias.

Vai vê-la... E estuga o passo. Alto e silencioso,  
Abre o castelo, em fogo, os vitrais das janelas.  
Nas ameias, manchando o céu caliginoso,  
Aprumam-se perfis de imóveis sentinelas.

Vilfredo vai ouvir a voz da sua Dama...  
Mas, no seu coração perturbado, parece  
Que vive, em vez do amor, essa ligeira chama,  
Que arde apenas um dia, arde e desaparece...

E o arruinado solar, refletido no Reno,  
Sobre o qual paira e pesa um sonho sobre-humano,  
Sobe, entre os astros, só, furando o céu sereno,  
Com a calma e o esplendor de um velho soberano.

II

*As fadas da lagoa.*

Vilfredo conheceu o amor nos braços d'Ela...  
Teve-a nua, a tremer, nos braços, nua e fria!  
Teve-a nos braços, louca, apaixonada e bela!  
Mas parte, alucinado, antes que aponte o dia...

É que uma outra paixão o descuidado peito  
Lhe entrou. Paixão cruel, loucura que o atordoa,  
Desde o momento em que, formosas, sobre o leito  
Das águas calmas, viu as fadas da lagoa.

Parte... À margem fatal da lagoa das fadas  
Chega, e em êxtase fica, a riba em flor mirando.  
Um ligeiro rumor de vozes abafadas  
Aumenta... E exsurge da água o apaixonado bando.

Corre Vilfredo, em febre, a apertá-las ao seio,  
E despreza o passado e esquece o juramento:  
Beija-as, e, na expansão do carinhoso anseio,  
Imola toda a vida aos beijos de um momento.

Para os seus corpos ter, toda a alma lhes entrega:  
E, na alucinação do gozo em que se inflama,  
Por esse amor, por essa embriaguez renega  
O Deusdos seus avós, o amor da sua Dama...

III

*O remorso.*

Delira. Mas, depois do delírio sublime,  
O remorso, imortal, nasce com o arrebol.  
E ele mede a extensão do seu monstruoso crime,  
E esconde a face à luz vingadora do sol.

Busca assustado a paz, busca chorando o olvido...  
À volúpia infernal o coração vendeu,  
E o inferno lhe reclama o coração vendido,  
Cobrando em sangue e pranto o gozo que lhe deu.

Quer rezar, quer voltar ao seu fervor primeiro,  
Quer nas lajes, de rojo, abominando o mal,  
Ser de novo Cristão, Fiel e Cavaleiro:  
Mas não encontra paz na paz da catedral.

Pobre! até no palor das faces maceradas  
Das monjas, cuida ver as faces que beijou;  
Ah! seios de marfim! ah! bocas perfumadas!  
Recordação cruel de um Éden que acabou!

Parte só, sem destino, errando, a passo incerto,  
Por montes e rechãs, no inverno e no verão,  
E por anos sem conta habitando o deserto,  
Sem lágrimas no olhar, sem fé no coração.

Das florestas sem fim sob a abóbada escura  
Ouve, nos alcantis de em torno, a água rolar;  
Sobre ele, a longa voz das árvores murmura,  
E o vendaval retorce os ramos negros no ar.

Mas à fera, ao inseto, ao limo verde, ao vento,  
Ao sol, ao rio, ao vale, à rocha, à serpe, à flor  
É em vão que Vilfredo implora o esquecimento  
Do seu amor cruel, do seu horrendo amor...

IV

*O castigo.*

Volta... Nem luta já contra o crime que o atrai.  
Velho e trôpego vem, mendigo esfarrapado,  
E exânime, por fim, num calefrio, cai  
Sem consciência, ao pé das águas do Pecado.

Calma. A noite caiu. Nem um pássaro voa.  
Não piam no silêncio as aves agoireiras.  
Mas palpitam, luzindo, à beira da lagoa,  
Fogos-fátuos subtis sobre as ervas rasteiras.

E, então, Vilfredo vê, presa de um medo  
Do denso turbilhão dos fogos repentinos,  
Com tentações no olhar e convites na voz  
Surgirem turbilhões de corpos femininos.

E o Inferno pela voz dos fogos-fátuos fala!  
Vilfredo foge. O horror vai com ele, inclemente!  
Foge. E corre, e vacila, e tropeça, e resvala,  
E levanta-se, e foge alucinadamente...

Em vão! pesa sobre ele um destino fatal:  
E o louco, em todo o horror dos campos tenebrosos,  
Vê fechar-se e prendê-lo a cadeia infernal  
Da infernal multidão dos Elfos amorosos...